

João Paulo Fernandes da SILVA
Mestrando em História (PPGH/UFC) ¹

A dimensão eminentemente da luta pela terra, evidenciada, especialmente, em ações coletivas envolvendo segmentos diversos dos trabalhadores rurais, tem como substrato todo um conjunto de relações sociais e econômicas, cuja influência se revela não apenas nas formas de organização, mas, também, no próprio conteúdo das reivindicações e na natureza do projeto de reforma agrária defendido. Assim, é possível constatar que, no Brasil, a questão agrária persiste, há longos anos, como problema social carente de soluções adequadas, embora redefinidas pelo processo de modernização da economia nacional, nas últimas três décadas.

No processo das transformações do mundo do trabalho que ocorreram no Brasil, os sindicatos e, sobretudo as organizações dos trabalhadores rurais, foram elementos importantes e até mesmo determinadores de linhas de atuação das inúmeras reivindicações, tais como: o amplo processo de mobilização pela regulamentação dos direitos trabalhistas e, pela reforma agrária, "bandeira" essa, que atravessou as últimas décadas e tornou-se o baluarte e a principal frente de combate dos camponeses do Brasil. Nesse sentido afirma Michels:

Uma classe que ergue diante da sociedade a bandeira de reivindicações concretas e aspira realizar um conjunto de ideologias ou de ideais derivados das funções econômicas que ela exerce, tem a necessidade de uma organização. Quer se trate de reivindicações econômicas ou políticas, a organização surge como o único meio de criar a vontade coletiva. E na medida em que repousa no princípio do menor esforço, ou seja, da maior economia de forças, a organização é, nas mãos dos fracos, uma arma de luta contra os fortes (MICHELS, 1969: 74).

Colocamos-nos, nesse momento, diante do desafio de trazer a nossa pesquisa questões que se inserem nas reflexões em torno do enraizamento histórico do sindicalismo rural, ou seja, o processo no qual é gestado a dinâmica do movimento sindical dos trabalhadores rurais na região do Cariri, especificamente na cidade do Crato, que se traduz, concretamente, num amplo imbricamento de ações. Porém, considerando os limites a que nos propomos discutir o assunto, restringiremos nossa

¹ Mestrando em História Social. Universidade Federal do Ceará – joaopaulo@ufc.com.br

análise no tocante aos aspectos que julgamos fundamentais do processo de construção histórica do sindicalismo rural cratense e quanto ao papel exercido pela Diocese do Crato na criação dos mesmos e sua materialização.

É na perspectiva histórica de construção do sindicalismo rural no Crato que nos ocupamos. Mais precisamente, nos colocamos a discutir, de que forma e como, historicamente, o sindicalismo, como prática institucional de organização do trabalho, se insere no debate político mais amplo na sociedade. Isto é, abordar as disputas que se travam a partir de então, buscando compreender as diversas facetas desse processo, enquanto dinâmica e expressão histórica da sociedade de classes.

Também não é nenhum segredo, mas é relevante ressaltar, a inclusão, ou porque não dizer, o engajamento da Igreja nas lutas camponesas. Pois é através dessa organização que percebemos o aumento substancial do número de sindicatos sob sua orientação.

No Cariri, especificamente no Crato, onde surgem os primeiros núcleos sindicalistas rurais da região, de fato não seria e nem foi diferente. Segundo o entrevistado Expedito Guedes², o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Crato foi fundado em 1962 a partir da ação pastoral da Diocese do Crato, e sua ação se estendia até outros municípios mais próximos do Crato. Nesse caso, levantamos alguns questionamentos: Qual ou quais os motivos levaram a Igreja a criação de tais sindicatos? E até que ponto a criação desses sindicatos por parte da Igreja foi favorável ao movimento de organização da classe trabalhadora rural? Portanto, este trabalho visa compreender as diversas vicissitudes do processo de organização dos trabalhadores rurais do Crato e suas relações com a Igreja, sendo ela precursora da criação dos sindicatos dos trabalhadores rurais daquele município.

No Ceará, o Partido Comunista do Brasil, foi responsável pelos primeiros passos da organização sindical. Embora fosse necessário esperar pela década de 60 para ver o surgimento dos primeiros sindicatos de trabalhadores rurais no Estado, segundo Uchoa, desde os anos 40 desenvolvia-se no interior um paciente esforço organizativo das massas camponesas, vinculado diretamente às diretrizes políticas emanadas do PCB (UCHOA, 1984).

² Expedito Guedes da Silva. 57 anos. Nome expressivo dentro do movimento sindicalista cratense fez todo um percurso de trabalhador rural a membro da ELIRUR, chegando a ser dirigente sindical. Concedeu-nos uma entrevista em 25 de Fevereiro de 2007.

Dessa forma, dá-se uma intensa mobilização dos trabalhadores cearenses pelo PCB. O próprio projeto do PCB através da FALTAC (Federação das Associações de Lavradores Agrícolas do Ceará), órgão responsável pela fundação de entidades sindicais no interior, e dos demais partidos de esquerda, era de expandir suas propostas aos diversos segmentos dos trabalhadores urbanos como também rurais. Esse fato preocupa a Igreja e o Estado, como havia preocupado a nível nacional, fazendo com que a Igreja Católica se volte à criação dos sindicatos. Nesse contexto, surgem os primeiros sindicatos na região do Cariri, não por parte do PCB ou os demais partidos de esquerda como era de se esperar, mas por parte da Igreja a partir da ação pastoral da Diocese do Crato. Assim os primeiros sindicatos fundados pela Igreja no Ceará, são os da região do Cariri, em 1962, que inclusive, tinha uma base que compreendia outros municípios. O sindicato do Crato estendia-se as cidades de Santana do Cariri, Nova Olinda, Farias Brito, Altaneira e Araripe. Segundo Uchoa, esta ação da Igreja objetivava fechar a região do Cariri á penetração comunista. (UCHOA, 1984). Ela própria tinha seu projeto político, a ponto de sentir que, ou buscava espalhar-se ou seria atingida, perderia seu espaço, como já acontecia nos grandes centros industriais urbanos. O campo agora seria sua meta e quanto a isso, a Diocese local teria que agir rapidamente, não poderia ficar alheia as nuances comunistas que se aviltavam. Em nota, escrita em um dos relatórios de encontro da ELIRUR (Escola de Líderes Rurais)³ impressos na época, percebe-se com inteireza as reais intenções da política diocesana:

A Escola de Líderes Rurais – ELIRUR da Fundação Padre Ibiapina criada sob ideal de sua excelência Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, bispo Diocesano do Crato, com o fito especial de evitar a penetração do comunismo e de promover integralmente o homem através da conscientização. Na ocasião, coube a Padre Lurildo Linhares, a coordenação da ELIRUR, que soube com galhardia, implantar o sindicalismo.⁴

O Crato e toda região do Cariri é fronteira aos estados de Pernambuco e da Paraíba onde, principalmente as Ligas Camponesas⁵, apareciam de forma preocupante

³ Escola criada pra servir como elemento formador de lideranças junto a comunidades rurais que pudessem assumir a estrutura sindical criada pela Diocese.

⁴ A ELIRUR realizou para dar ao homem. 1962-1974. Pág.5

⁵ As ligas camponesas constituem um movimento político surgido a partir da década de 1950 no estado de Pernambuco. Sua origem remonta as antigas Ligas Camponesas da década de 1930, originárias da ação do Partido Comunista Brasileiro no campo. Tinha a frente do movimento a figura do advogado Francisco Julião onde o movimento buscou apoio e o respaldo jurídico. Com a volta do PCB a legalidade em 1945, as Ligas Camponesas foram extintas, sobrevivendo algumas, mas sem grande influência no campo. Ver: ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, Partidos, Projetos**. Recife: Editora Universitária da UFPE; Editora Oito de Março, 2005.

(UCHOA: 1984, 45). Sua expansão para essa área seria somente uma questão de tempo. Em qualquer estado do Nordeste, mesmo onde a Liga não (fora) fundada, (era) comum um camponês injustiçado dizer para o capataz ou para o patrão: “Graças a Jesus Cristo, a Liga vai chegar. Será nossa liberdade” (ANDRADE, 1964:249). Deste modo, a Igreja busca antecipar-se, criando uma estrutura sindical que impossibilitasse a fundação de sindicatos ligados as organizações de cunho comunista, principalmente na área rural, devida a pouca expressividade industrial. Esse interesse por parte da Igreja com os trabalhadores rurais, não restringia-se a uma conjuntura regional. A nível nacional os camponeses tinham prioridade. Os trabalhadores industriais dos grandes centros, já se encontravam organizados em entidades que tinham á frente comunistas, formados no PCB. Assim, surge a preocupação por parte da Igreja em não perder espaço entre as populações rurais, como havia acontecido nos grandes centros urbanos, e passou a fomentar a criação de entidades no campo, buscando dessa forma criar uma estrutura organizativa que garantisse sua influência sobre a classe trabalhadora rural.

Nessa época, a população rural do Cariri era maior que a urbana. No princípio, a organização dos sindicatos da região, enfatiza Albuquerque:

Contou com o apoio de alguns proprietários, mas essa não era a regra. Mesmo sendo os sindicatos ligados a Igreja, vários dos donos de terra ameaçavam seus empregados, criando as primeiras dificuldades numa região que não conhecia até então nenhuma mobilização de trabalhadores rurais. (...) Os trabalhadores eram submetidos á exploração e a vontade dos patrões sem nenhuma reação coletiva ou individual (ALBUQUERQUE, 1981:110).

A vida, do camponês caririense, portanto restringia-se ao trabalho e as atividades religiosas. É importante perceber que a fé católica era o elo entre os homens do campo e a Igreja, e, porque não dizer, nas palavras de Albuquerque "a porta de entrada que permitiu os encontros com os trabalhadores para as primeiras noções de sindicalismo" (IDEM: IBDEM). Foi dessa maneira imprescindível o papel dos vigários na mobilização para a constituição dos primeiros núcleos sindicalistas:

Sua ação utiliza inicialmente, os vigários espalhados por toda região, disseminando seu sindicalismo e criando uma estrutura organizativa com a qual tutelaria as lideranças por elas formadas. São lideranças distanciadas das bases, dotadas de um saber que lhe permitiu manipular a estrutura burocrática dos sindicatos carrienses e que faz em seu próprio benefício (ALBUQUERQUE: 1981, 114).

Tratando da situação socioeconômica do homem camponês caririense nesse contexto, afirma José Figueiredo Filho:

Não tinham terra para cultivar a não ser submetendo-se à proteção de um proprietário de terra. Neste caso tinha a casa e uma área para plantar o feijão, o milho, a mandioca e outras culturas para seu sustento. Durante as moagens recebiam alimentação e um salário suficiente apenas para o atendimento de algumas necessidades mais imediatas (FIGUEIREDO FILHO, 1958:30).

A partir de Janeiro de 1962 foram criados os primeiros sindicatos, logo reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Assim nos relata Expedito Guedes: "eram eles o de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Brejo Santo e Várzea Alegre. (...) Em 1963 foi fundado o de Assaré e depois Mauriti"⁶. Dessa forma, o período demarcado entre 1962 e 1967, segundo Ronald Albuquerque caracteriza a primeira fase na história dos sindicatos do Cariri, no sentido de que, nesse momento:

A preocupação da igreja era de formar lideranças capazes de dirigir os sindicatos. (...) da criação de delegacias sindicais (...) de reformulação da Casa de Caridade do Crato que se transformou em Pe Ibiapina de maneira a melhor atender a proposta da Diocese do Crato. (ALBUQUERQUE, 198: 113),

É inegável como a religião tem o poder de formar e comunicar idéias entre os povos, em especial, naquele momento, a Diocese do Crato. Fica claro, que não interessava a Igreja mudanças radicais. Daí, seu interesse na formação dos dirigentes sindicais. A religião, por isso, acabou tendendo perpetuar, indiretamente, a ordem estabelecida, a fomentar a manutenção daquilo que não confrontasse o modelo existente na sociedade. Como se já não bastasse, Maria Pereira de Alencar Assunção⁷ – Tesoureira da ELIRUR no ano de 1969 – lembra que a sede do sindicato ficava instalada na própria fundação, juntamente com a secretaria e a tesouraria. Além do que as lideranças eram também escolhidas pela diocese. A essa altura, com sua presença em quase todos os aspectos na vida dos camponeses, já se pode perceber os reais interesses da Igreja, que era "pôr rédeas", ou em outras palavras, fazer com que os mesmos não fugissem das determinações emanadas da Diocese.

Albuquerque, referindo-se aos primeiros anos da organização dos sindicatos dos trabalhadores, que entende como a primeira fase da história dos sindicatos do Cariri na região, afirma:

⁶ Expedito Guedes. Entrevista em 25 de Fevereiro de 2007.

⁷ Maria Pereira Alencar Assunção. Entrevista concedida em 15 de agosto de 2007.

O projeto era da diocese e não dos trabalhadores rurais que até o momento da organização dos primeiros sindicatos da região do Cariri não haviam levantado questões trabalhistas ou políticas. Não surgiram esses sindicatos dentro de um processo de luta onde lideranças fossem formadas na ação política ou sindical. (1981, 117).

Apesar das lideranças não partirem do próprio movimento dos rurícolas e nem da ação política deles próprios, é inegável que a vinda dos sindicatos, permitiram aos trabalhadores do campo as primeiras discussões sobre seus direitos, como: o problema da terra, a necessidade de uma reforma agrária, e vários outros problemas que assolavam os trabalhadores (ALBUQUERQUE: 1981: 118). Portanto, a partir desse primeiro momento, começamos a perceber um grau maior de percepção dos seus problemas e anseios, no sentido de entender seus interesses individuais e compreender os interesses coletivos. Embora de início, ressaltam-se as limitações e condições impostas naquele momento. A partir dos anos de 1968 e 1974 Albuquerque enxerga um segundo momento em tais sindicatos, caracterizados por uma mudança substancial por parte dos trabalhadores rurais e, sobretudo, no trabalho que era realizado pela fundação Pe. Ibiapina. Isso deve-se em parte a chegada de Nobor Bito, um ex-sindicalista de São Paulo que é convidado pelo bispo diocesano Dom Vicente Matos na ocasião de um encontro de sindicatos ligados a Igreja acontecido em Recife para coordenar a equipe da ELIRUR, em 1967. Dentre as primeiras medidas tomadas por Nobor, uma era de compor a ELIRUR por pessoas diretamente ligadas ao meio rural, que se identificasse com os anseios do campo, pois, parte da equipe era composta por pessoas da cidade, sobretudo, ligadas a diocese. Segundo Albuquerque:

Com esta equipe retorna o trabalho sindical visitando as comunidades. Realiza cursos para a formação de líderes onde a tônica é o movimento sindical. Nos seus planos está o de desvincular os sindicatos da órbita da diocese, dota-los de uma estrutura própria capaz de fazê-los andarem sozinhos (ALBUQUERQUE, 1981:117).

Chama-nos atenção, nesse momento, a quantidade de sindicatos fundados sobre a gestão de Nobor. No total, foram criadas 19 entidades sindicais desmembradas das anteriores, além de delegacias sindicais, tornado-se mais presente nas bases. Para termos uma idéia desse crescimento dos sindicatos, avaliemos a tabela abaixo, e comparemos os dois períodos analisados até o momento.

ESPECIFICAÇÃO	1962-1967	1968-1974
Número de Sindicatos	11	19
Número de Delegacias	05	182
Número de associados	734	30.783

TABELA I – Estrutura Sindical – 62/72
 Fonte; ELIRUR: 1962-1972. Fundação Pe. Ibiapina, 1973.

Conjuntamente ao aumento substancial dos sindicatos, era acompanhado pela realização de mini-cursos, permitindo aos participantes a escolha posterior de alguns trabalhadores que iriam ser futuros dirigentes, dando, dessa forma as condições necessárias para manter os sindicatos em funcionamento. Nem imaginaria a Diocese, que isso seria uma faca de "dois gumes", pois, ao que parece, essa atividade educativa, antes de mais nada, distanciava a direção sindical da Igreja. O saber os condicionava a terem uma postura diferente dos demais trabalhadores rurais, tanto do conhecimento da estrutura sindical, como das questões levantadas. Dessa forma, se os sindicatos provenientes de um processo de luta encetado pelos próprios trabalhadores correm os riscos de tais desvios, muito mais os sindicatos criados de forma artificial como os da região cariense (ALBUQUERQUE: 1981, 135).

A nosso ver, nesse momento de abertura para formação de novas lideranças, percebemos um maior grau de politização por parte dos trabalhadores, e sendo a nova equipe composta por homens do campo, o trabalho se dá num sentido de aproximação com os rurícolas, ou porque não dizer, com sua classe. Ressalta Expedito Guedes:

E aí também se deu (...) um trabalho de tomada de consciência por parte do movimento sindical pra que os trabalhadores e trabalhadoras fossem percebendo, que a bandeira do movimento sindical e dos sindicatos dos trabalhadores rurais fossem mais além. Na luta pela questão dos direitos dos assalariados, direito a aposentadoria por idade, direito ao acesso a terra e um direito a um salário mais justo⁸.

A partir do ano de 1974, vão se dar as primeiras divergências com relação à Diocese. E os primeiros passos para desvincular-se dessa instituição, que nunca pretendeu criar um projeto próprio dos trabalhadores. Da mesma maneira a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) erguia a questão da terra como algo prioritário, enfatizando a nível nacional a redemocratização da sociedade brasileira. É válido enfatizar que, este também era o ano que Nobor se afastara da fundação, convidado para assumir a FETRAECE (Federação dos Trabalhadores na

⁸ Expedito Guedes. Entrevista em 25 de Fevereiro de 2007.

Agricultura no Estado do Ceará), onde fica apenas seis meses. Esse é o momento de ruptura dos sindicatos da ELIRUR, e conseqüentemente da Diocese. Mesmo com o afastamento, devemos ressaltar o trabalho de Nobor a frente das bases, levantando questões em que a realidade do trabalho no campo, era apresentada em suas contradições acentuadas pela forma de exploração, que os grandes proprietários exerciam sobre os trabalhadores. Enfatiza Ronald Albuquerque:

Dos questionamentos á uma ação organizada através de sindicato, mesmo que fossem os problemas referentes às unidades de trabalho, patrão empregado e entre grandes e pequenos proprietários colocava-os diante de uma situação inteiramente nova. Os proprietários não eram mais vistos como senhores absolutos da terra e do trabalho. Existiam limites à sua onipresença, sua força começava a aparecer menor, o que mais cedo o mais tarde diminuiria o medo dos trabalhadores (ALBUQUERQUE: 1981, 134).

Até aqui aonde chegamos, tomamos conhecimento do desencadeamento de lutas, de organização por melhorias para os trabalhadores. Como se observa, trata-se de um trabalho cujos resultados dependerão de um maior aprofundamento, de um maior engajamento da Academia, sobretudo de pesquisadores que abordem com seriedade e intrepidez a luta do homem do campo, com um intuito de contribuir para uma sociedade mais igualitária para todos. Esta pesquisa pretende, portanto, perscrutar a transformação do sindicalismo rural cratense, inicialmente encetada pela política diocesana, observando, por outro lado, os novos sentidos produzidos pelo amadurecimento dos sujeitos históricos que ao longo do tempo o construíram, engendrando uma nova consciência e ação política não-condizentes com o conservadorismo vigente. Atualmente depois de muitas desavenças os homens do campo aos poucos vêm conquistando seus espaços e poucos se opõem a que essa luta seja reconhecida, a que essa dignidade de fato seja proclamada a condição de valor fundante de um direito de todos, capazes de nutrir com seu labor a terra que é de todos nós. (MARTINS: 2004,14).

Bibliografia

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, Partidos, Projetos.** Recife: Editora Universitária da UFPE; Editora Oito de Março, 2005.

ALBUQUERQUE, Ronald de Figueiredo. **Igreja, Sindicato e Movimento dos trabalhadores.** Fortaleza - Ceará. 1991.

- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- ANTUNES, Ricardo C. **O que é sindicalismo**. Editora Brasiliense. 1981
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História - Especialidades e abordagens**. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**, São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.
- FIGUEIREDO FILHO, José. **Engenhos de Rapadura do Cariri**. Ministério da Agricultura. 1958.
- HILL, Christopher. **Mundo de ponta cabeça**. São Paulo: Cia.das letras, 1991.
- HOBBSAWM, E. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral: Muitas dúvidas poucas certezas, uma proposta**. In: (RE) INTRODUCINDO HISTÓRIA ORAL NO BRASIL. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). Xamã, São Paulo, 1996b: 33-47.
- LINHARES, Maria Yedda. "História agrária" In. CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- MARTINS, José de Sousa. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. São Paulo: Edusp, 2004.
- _____ **Os camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1981.
- MICHELS, Robert. **Os Partidos Políticos**. São Paulo. Editora Senzala, 1969.
- NOVAES, R. R. De corpo e alma: Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1997.
- OCHOA, Maria Glória W. As origens do Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais no Ceará: *1954-1964*. Fortaleza-Ceará. 1984.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e Classes Populares**. Vozes. Petrópolis. 1980.
- THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- _____ **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: a História Oral**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.